

CONTRIBUIÇÕES DE KARL MARX PARA A EDUCAÇÃO

KARL MARX'S CONTRIBUTIONS TO EDUCATION

Ana Paula Vilela Cardoso¹

RESUMO: A Educação, no seu primeiro significado encontrado em dicionários, não aparece nos textos de Karl Marx. Em obras como Manifesto Comunista (1848), o Capital (1867), o teórico analisa a condição do homem na sociedade capitalista em plena Revolução Industrial e ali aponta a educação como um dos caminhos para a melhoria das condições de vida e alcance, pelos proletariados, da emancipação. A partir dos textos marxianos e da leitura de autores marxistas revela-se a contribuição do filósofo para a educação. A leitura que István Mészáros faz de Marx, permite elaborar que “o significado real da educação, digno de seu preceito, é fazer os indivíduos viverem positivamente à altura dos desafios das condições sociais historicamente em transformação - das quais são também produtores mesmo sob as circunstâncias mais difíceis”. Dentre as transformações pregadas por Marx, a de maior impacto é a educação omnilateral, ou seja, uma educação capaz de desenvolver integralmente todas as potencialidades do homem. A combinação da educação intelectual com a produção material, da instrução com os exercícios físicos e estes com o trabalho produtivo, viabiliza viver em sociedade e o pleno desenvolvimento de suas capacidades.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Marxismo; Contribuições.

ABSTRACT: *Education, in its first meaning found in dictionaries, does not appear in Karl Marx's texts. In works such as the Communist Manifesto (1848) and Capital (1867), the theorist analyzes the condition of man in the capitalist society in the middle of the Industrial Revolution and there he points to education as one of the paths to the improvement of living conditions and the achievement, by proletarians, of emancipation. From Marxian texts and from the reading of Marxist authors, the philosopher's contribution to education is revealed. István Mészáros' reading of Marx allows us to elaborate that "the real meaning of education, worthy of its precept, is to make individuals live positively up to the challenges of the historically changing social conditions - of which they are also producers even under the most difficult circumstances. Among the transformations preached by Marx, the one with the greatest impact is omnilateral education, that is, an education capable of fully developing all of man's potentialities. The combination of intellectual education with material production, of instruction with physical exercises and these with productive work, makes it possible to live in society and to fully develop one's capabilities.*

KEYWORDS: *Education; Marxismo. Contributions.*

Introdução²

¹ Técnica-Administrativa no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: ana.cardoso@uftm.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9701-764X>

O objetivo do presente artigo é analisar a presença de contribuições de Karl Marx para a educação. Utilizando a Metodologia Revisão bibliográfica a partir dos textos do filósofo: Manifesto Comunista (1848), o Capital (1867), teóricos marxistas Mário Alighieri Manacorda (2017), István Mészáros (1997), José Claudinei Lombardi (2011), Demerval Saviani (2012) e o teórico que trata sobre Educação, Franco Cambi (1995), nos conduzem à uma conclusão sobre a contribuição de Marx para a educação. A leitura que ele faz do homem inserido na sociedade capitalista, permite apontar caminhos para a melhoria das condições de vida e alcance, pelos proletariados, da emancipação. Subjugado aos donos do capital, os proletários, desde a mais tenra idade, submetem-se a escravizantes horas de trabalho, nada mais lhes restando que a conquista do pão diário.

1 Sobre o conceito de Educação

Muito se discute sobre os rumos da educação, seus tipos, formas, métodos e pedagogias diversas, estuda-se a sua história, mas o que é educação? Primeiramente, pensa-se educação como o processo educativo escolar onde a criança é submetida a uma instituição que irá ministrar conhecimentos previamente estabelecidos e que, teoricamente, irão lhe guiar socialmente.

Em busca no dicionário encontramos no Dicionário da Academia Brasileira de Letras (2008, p. 464-465) traz os seguintes significados: “Educação substantivo feminino. 1. Ato ou efeito de educação. 2. ensino instrução a educação infantil é a primeira etapa do ensino fundamental. 3 construção e aprimoramento físico intelectual e moral do ser humano para o convívio social. O país deve promover a educação de seus cidadãos. 4. Exercício das normas sociais sociabilidade cortesia. Tipo métodos científicos empregados no processo de educação. Pedagogia. Exemplo. Paulo Freire foi um dos grandes teóricos da educação.”

No entanto, a educação tem um sentido mais amplo, abrangendo o sujeito desde o nascimento até a morte, pois conta com um infinito rol de práticas e conhecimentos, passadas de pai para filho, de geração em geração, o que irá permitir sua sobrevivência em sociedade, ou seja, capacita/forma as novas gerações de acordo com os ideais culturais de cada povo. Dewey define a “educação como necessidade da vida, o instrumento da continuidade social da vida.” No mesmo sentido, Brandão diz que “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não

² Pesquisa realizada no âmbito da disciplina “Trabalho, educação e identidade profissional”, ministrada pelo professor Dr. Welisson Marques, como aluna especial no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Tecnológica no Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), Campus de Uberaba.

é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é seu único praticante”.

O que podemos observar dessas leituras é que a educação não se limita à educação formal, aquela oferecida pela escola. É preciso observar que a educação é maior, adquirida dentro do grupo familiar, social, religioso. Brandão insiste quando diz que ninguém escapa da Educação. Em casa, na rua, na igreja, na escola de um modo ou de muitos. Todos nos envolvemos e pedaços da vida com ela para aprender para ensinar para aprender e ensinar para saber para fazer para ser ou para conviver todos os dias. Misturamos a vida com a educação. Isso nos leva a um outro questionamento: como era a educação antes da escola?

Entre os povos primitivos não haviam métodos de educar conscientemente reconhecidos, mas existia a educação “cujo objetivo é promover ‘o ajustamento da criança ao seu ambiente físico e social por meio da aquisição da experiência de gerações passadas’ (Monroe – citado por Piletti). A criança adquiria conhecimentos através da imitação, repetindo rotinas e comportamentos dos adultos, e durante cerimônias de iniciação.

Com a substituição da organização genética da sociedade por uma sociedade política e com a formação de uma linguagem escrita, fez-se a transição da sociedade primitiva para os primeiros estágios da civilização. Segundo Pileti (1985, p. 49), “nas primeiras civilizações orientais a necessidade de dominar línguas geralmente muito difíceis fez com que a educação girasse em torno do domínio da linguagem e da literatura”. As educações chinesa, hindu e judaica se inserem nesse panorama. Enquanto “em todas as aldeias chinesas existiam as escolas elementares”, a instrução judaica era ministrada por escribas e sacerdotes. “Os judeus diferem dos demais povos orientais: deram mais oportunidade para o desenvolvimento da personalidade. E nesse aspecto, inclusive, contribuíram para o desenvolvimento da cultura ocidental.” (PILETE, 1985, p. 52). Há que se destacar que a educação no mundo antigo “pré-grego e greco-romano é também uma educação por classes: diferenciada por papéis e funções, por grupos sociais e pela tradição de que se nutre” (CAMBI, 1999, p. 51). Segundo Cambi o tripé educacional se formava com a escola, a educação familiar e a dos ofícios, ou seja, “predomina a sacralização dos saberes e a organização pragmática das técnicas, e tais processos se desenvolvem sobretudo na família, no santuário ou nas oficinas artesanais.” (IDEM, p. 69)



Com a civilização grega ocorre uma quebra de paradigma, pois a educação se encaminha para a “laicização, racionalização e a universalização”. Brandão (2007, p. 37) nos informa que “a primeira educação que houve em Atenas e Esparta foi praticada entre todos, nos exercícios coletivos da vida, em todos os cantos onde as pessoas conviviam na comunidade. Quando a riqueza da polis grega criou na sociedade estruturas de oposição entre livres e escravos, entre nobres e plebeus, aos meninos nobres da elite guerreira e, mais tarde, da elite togada é que a educação foi dirigida. Por alguns séculos, mesmo para eles, ainda não havia a escola.” Posteriormente, em Esparta, dos sete aos dezesseis anos, os meninos eram retirados do ambiente familiar e inseridos em escolas-ginásios, onde recebiam formação militar pelo adestramento de armas, fortalecimento de amizades, da obediência. Culturalmente recebiam apenas o estritamente necessário (CAMBI, 1999, p. 83). Cambi (1999) ainda informa que em Atenas, em virtude da burocracia que exigia o conhecimento da escrita, o povo e os cidadãos livres dedicavam-se à oratória, literatura, filosofia, desprezando o trabalho manual e comercial. Com a hegemonia política de Atenas, surge a Páideia que consiste na formação harmônica do homem, através do desenvolvimento de todo o corpo e toda a consciência. Por volta do século VI A.C. a educação grega deixa de ser uma prática coletiva, destinada apenas à formação do cidadão nobre, surge então a escola primária para o ensino de primeiras letras. Uma escola a que o menino escravo não tem acesso, o menino livre e plebeu chega e por ali fica, enquanto o menino livre e nobre “passa por ela depressa” para dar continuidade aos seus estudos e formação. (BRANDÃO, 2007, p. 40).

A civilização grega evolui até chegar à educação humanística, ética e nos ensina que a “educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer. Portanto, é a comunidade quem responde pelo trabalho de fazer com que tudo o que pode ser vivido-aprendido da cultura seja ensinado com a vida — e também com a aula — ao educando.” (BRANDÃO, 2007, p. 47).

Finalmente, na civilização Romana a criança começava a aprender em casa, com os mais velhos, em busca da formação da consciência moral. Durante séculos buscava-se a educação de uma comunidade voltada ao trabalho com a terra, as crianças até os sete anos eram educadas no núcleo familiar. Com o enriquecimento dos camponeses e a criação do Estado troca-se o trabalho

agrícola pelo político, cria-se as regras do Império e o “primitivo saber comunitário” divide-se. Com a coexistência de homens livres e escravos, senhores e servos, surgem modelos de educação diferentes que atenderão a cada categoria. Posteriormente, a educação latina se divide para atender de um lado os filhos dos escravos, servos e artesão, com as oficinas de trabalho, e por outro lado, a escola livresca que formará futuros senhores e funcionários burocratas.

Cambi (1999, p. 101) esclarece que a “experiência grega fixou teorias e modelos de educar” que “constituíram durante milênios pontos de referência dos debates e das elaborações em matéria educativa” e destaca três aspectos que influenciaram a educação ocidental:

1. A noção de Paideia, que universalizou e tornou socialmente mais independente e finalizado o sujeito-pessoa o processo de formação, entendido como um formar-se universalizando-se e desenvolvendo a própria *humanitas*, por meio de um comércio estreito, constante e pessoal com a cultura e sua história; 2. A pedagogia como teoria (...) nasce um saber da educação no sentido próprio (...); 3. A problematização da relação educativa, que supera o nexa pedagogo-pais e docente-discente, relação autoritária e formalista (...), para delinear essa relação como eminentemente espiritual (...) (CAMBI, 1999, p. 101-102).

Roma foi influenciada pela Paideia, deu ênfase à concepção do orador, proposto como modelo de cultura e de *humanitas*.

Sob a influência das civilizações grega e romana, passando por períodos de retrocesso, como o mergulho da humanidade no período medieval, e de expansão do pensamento e da educação, entendemos que a educação abraça o ser humano do nascimento à morte. Ele aprende a conviver em sociedade, a conhecer a si mesmo e o seu meio, a utilizar-se de ferramentas e conhecimentos para sua sobrevivência e manutenção. A educação extrapola os muros da escola, não fica a ela restrita.

Rousseau (19__?, p. 45) escreve que

o objetivo que devemos nos propor na educação de um jovem, é o de formar-lhe o coração, o juízo e o espírito; e isto na ordem em que estou citando. A maioria dos mestres, sobretudo os pedantes, vêem a aquisição e o empilhamento das ciências como único objeto de uma bela educação, sem pensar que frequentemente, como diz Molière, Um tolo sábio é tolo mais do que um tolo ignorante.

No mesmo sentido Mészáros (2018, p. 83) explica que “o significado real da educação, digno de seu preceito, é fazer os indivíduos viverem positivamente à altura dos desafios das condições sociais historicamente em transformação - das quais são também produtores mesmo sob as circunstâncias mais difíceis”.

2 Educação em Marx

Karl Marx nasceu em 5 de maio de 1818 em Trier, na Renânia alemã. Em 1835 ingressou na Universidade de Bonn para estudar direito, mas em 1836 partiu para estudar filosofia na Universidade de Berlim para estudar filosofia, tendo obtido o doutorado em 1840 pela Universidade de Iena.

Para entender o contexto em que Marx desenvolveu seus escritos é preciso situá-lo historicamente. O auge do desenvolvimento filosófico-crítico de Karl se deu durante a Revolução Industrial, momento de expansão da burguesia e da já acentuada diferença entre ricos e pobres. Com a chegada das máquinas e do sistema fabril, “ricos ficaram mais ricos e os pobres, desligados dos meios de produção, mais pobres” (HUBERMAN, 1985, p. 227). Como um estudioso da sociedade do passado e da sociedade do presente, Marx dizia “estar o trabalhador na sociedade capitalista sendo explorado, tal como fora na sociedade escravocrata e feudal”. (HUBERMAN, 1985, p. 227). “Vai se delineando, assim, uma antropologia pedagógica marxista de base rigorosamente histórico-materialista, destinada a colocar em destaque as condições econômicas-sociais dentro das quais o homem vai se formando como indivíduo” (CAMBI, 1999, p. 482). Para Marx, a organização capitalista do trabalho aliena o homem.

Se por um lado, a ciência e a tecnologia exigiam conhecimentos e cada vez mais se investiam nesses segmentos, com destaque para grandes universidades, por outro lado o trabalhador que dedicava doze, quatorze horas do seu dia à produção industrial, não tinha acesso à educação. O proletário era “uma mercadoria, um artigo de comércio, sujeitos, portanto, às vicissitudes da concorrência, às flutuações do mercado” Embora Karl Marx não trate especificamente sobre a educação em seus escritos, Lombardi (LOMBARDI, 2017, posição 551) esclarece

a falta de atenção às necessidades sociais no campo da educação e ensino, que é própria dos primeiros anos do capitalismo - e que todavia arrastamos -, unida às dramáticas condições de trabalho da população operária - acentuadas no caso do trabalho infantil e feminino - colocam o ensino e a educação em primeiro plano.

Não havia diferença entre trabalhadores homens e mulheres, ou adultos e crianças. Crianças eram recrutadas em orfanatos e posteriormente filhos de trabalhadores eram igualmente recrutados, para trabalhos exaustivos, de até 14 horas³, sem nenhum outro direito a não ser dedicar todo o seu tempo ao sistema fabril. Ao inserir a medida “Educação gratuita para todas as crianças, em escolas

³ “O trabalho dos homens é tanto mais suplantado pelo das mulheres quanto menores são a habilidade e a força exigidas pelo trabalho manual, ou, em outras palavras, quanto mais se desenvolve a indústria moderna. As diferenças de idade e de sexo não tem importância social para a classe operária. Todos são instrumentos de trabalho, cujo preço varia segundo a idade e o sexo.” (MARX, ENGELS, 2003, p. 32 e 33)

públicas, abolição do trabalho infantil nas fábricas, tal como é feito atualmente. Combinação da educação com a produção industrial etc.”, Marx argumenta:

Acusai-nos de querer acabar com a exploração de crianças por seus próprios pais? Confessamos esse crime.

Mas, direis, destruímos a mais sublime das relações ao substituir a educação doméstica pela educação social. E a vossa educação não é também social e determinada pelas condições sociais sob as quais educais vossos filhos, pela intervenção direta ou indireta da sociedade, por meio de escolas etc.? Os comunistas não inventaram a intervenção da sociedade na educação; procuram apenas transformar o tipo dessa intervenção, arrancando-a à influência da classe dominante. (MARX, ENGELS, 2003, p. 42.)

Em *O Capital*, Marx enfatiza que “para modificar a natureza humana geral de tal modo que ela alcance habilidade e destreza em determinado ramo de trabalho, tornando-se força de trabalho desenvolvida e específica, é preciso determinada formação ou educação” (MARX, 1996, p. 289.), ou seja, a educação é o meio de transformação do homem, mas

a jornada de trabalho compreende diariamente as 24 horas completas, depois de descontar as poucas horas de descanso, sem as quais a força de trabalho fica totalmente impossibilitada de realizar novamente sua tarefa. Entende-se por si, desde logo, que o trabalhador, durante toda a sua existência, nada mais é que força de trabalho e que, por isso, todo seu tempo disponível é por natureza e por direito tempo de trabalho, portanto, pertencente à autovalorização do capital. Tempo para educação humana, para o desenvolvimento intelectual, para o preenchimento de funções sociais, para o convívio social, para o jogo livre das forças vitais físicas e espirituais, mesmo o tempo livre de domingo — e mesmo no país do sábado santificado — pura futilidade! (MARX, p. 378, 1996)

Marx, gradativamente, delineou a concepção de educação, elegendo alguns princípios: “eliminação do trabalho das crianças na fábrica; associação entre educação e produção material; educação politécnica que leva à formação do homem omnilateral” (LOMBARDI, 2017, posição 551). A educação omnilateral abrange os aspectos físico, mental e intelectual). Lombardi complementa que Marx era “crítico da violenta exploração do trabalho infantil em atividades econômicas no campo e na cidade”, mas recomenda “que a partir dos 9 anos qualquer criança deveria participar do trabalho produtivo e trabalhar não somente com o cérebro, mas também com as mãos”. Marx apresentou sua “concepção de instrução: 1. Educação intelectual. 2. Educação corporal, tal como a que se consegue com os exercícios de ginástica e militares. 3. Educação tecnológica.” (LOMBARDI, 2017, posição 569)

3 Educação em Manacorda e Mészáros

Mário Alghiero Manacorda (2017) propõe-se a indagar a existência e a configuração de uma pedagogia marxiana, isto é, inerente ao pensamento de Karl Marx. Em sua obra *Marx e a Pedagogia Moderna*, analisa, cronologicamente os “Princípios do Comunismo”, o “Manifesto Comunista”, “Trabalho Assalariado e Capital”, “Instruções aos delegados do comitê provisório londrino” do I Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, em Genebra, e “O Capital”.

As medidas apresentadas por Marx, como o ensino obrigatório gratuito a todas as crianças, e não só aos filhos dos trabalhadores, a divisão do trabalho e a educação como promotora da emancipação de toda a humanidade, são por ele analisadas.

Ao referenciar sua pesquisa na releitura dos textos marxianos, o autor analisa o Homem Omnilateral em oposição a ideia da divisão do homem condicionada pela divisão do trabalho e da sociedade em classes, expressada em dimensões unilaterais do homem dividido: operário e intelectual, carregador e filósofo; manual e mental. O trabalhador é rebaixado a uma máquina, um burro de carga. Nessa concepção de trabalhador, o indivíduo não vai além de um desenvolvimento unilateral, mutilado, gerado pela divisão do trabalho.

Por fim, a partir de Marx, a análise do homem unilateral revela que o subjugo indivíduos sob determinadas relações, leva ao embrutecimento do operário. O homem parcial sucumbe ao próprio maquinismo do processo de trabalho, que destrói crianças e adolescentes. Para entender a omnilateralidade é importante compreender a relação homem, natureza e trabalho, que possui um caráter de interligação e universalidade. O autor recorda que na perspectiva da revolução proletária, coincidem a vida pessoal e material; manifesta-se o indivíduo como indivíduo completo; estabelece-se o nexos recíproco entre o desenvolvimento omnilateral dos indivíduos e a totalidade das forças produtivas dominadas pela totalidade dos indivíduos livremente associados.

Manacorda aponta que a educação omnilateral, extraída dos ensinamentos de Marx, leva o homem a uma totalidade de capacidades produtivas e de fruição dos bens materiais e espirituais, dos quais o trabalhador foi excluído pela divisão do trabalho.

O livro “A Educação Para Além do Capital” de István Mészáros, é um ensaio escrito para a abertura do Fórum Mundial de Educação, realizado em Porto Alegre, no dia 28 de julho de 2004. Nascido em 1930 em Budapeste, István foi trabalhador numa indústria de aviões de carga e ali teve contato com a diferença de remuneração entre homens e mulheres.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 19-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5518>

Mészáros trata da educação na “perspectiva da luta emancipatória”, a luta contra a alienação do capital, e a retomada do “fio condutor de O Capital”. O autor afirma que só uma revolução cultural pode superar a alienação, “uma radical mudança estrutural. Uma mudança que nos leve para além do capital”.

Ao analisar “A incorrigível lógica do capital e seu impacto sobre a educação”, Mészáros aponta que “uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudanças” (MÉSZAROS, 2005, p. 25). Constata que para mudar profundamente a educação é necessário mudar profundamente o meio social em que ela está inserida. Discorda de Adam Smith quando este afirma que os trabalhadores são responsáveis pela pobreza em que viviam e concorda com Robert Owen que dizia ser o empregado apenas um simples instrumento para os ganhos do empregador. Reforça sua oposição à lógica do capital sobre a desumanização do homem e reafirma que sem uma mudança social estrutural só é possível corrigir pequenos erros na atividade educacional.

Mészáros conclui que as soluções para a educação não podem ser apenas formais, mas essenciais”. Segundo o autor

a educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes (MÉSZAROS, 2005, p. 35).

Ou seja, apenas a tomada de consciência e as ações coletivas dos indivíduos poderão livrar a população dessa situação que ele chama de paralisante.

Mészáros destaca a importância da internalização de uma concepção ampla de educação e da vida intelectual, abrangendo todos os momentos da vida, dentro e fora da escola. Ele entende que é necessária uma intervenção consciente em todos os domínios e em todos os níveis da nossa existência, colocando assim o desafio “para além” da educação, implementando um processo de reestruturação social radical, com desafios sem paralelos na história, pois implica em mudança qualitativa das condições objetivas de reprodução da sociedade e a transformação progressiva da consciência em resposta às condições necessariamente cambiantes. Cabe a uma “educação para além do capital” criar condições para o rompimento da lógica do capital e elaboração de estratégias para uma educação emancipadora.

4 Contribuições de Marx para a educação

Franco Cambi nos auxilia no entendimento das contribuições de Karl Marx para a educação ao fazer uma síntese desse campo de investigação. Ele entende o Século XIX como aquele caracterizado pela existência de uma frontal oposição entre as duas classes fundamentais da sociedade: burguesia e o proletariado e afirma que esse embate também produziu projetos antagônicos e radicais no que diz respeito à educação e à pedagogia. Deixando claro qual o papel que o projeto de educação tem para cada classe social, assim registra em *História da Pedagogia* (LOMBARDI, 2011, p. 349):

Numa sociedade socialmente tão lacerada [...], na qual velho e novo, tradição e revolução convivem tão íntima e dramaticamente, um papel essencial é reconhecido [...] ao compromisso educativo: para as burguesias, trata-se de perpetuar o próprio domínio técnico e sociopolítico mediante a formação de figuras profissionais capazes e impregnadas de “espírito burguês”, de desejo de ordem e de espírito produtivo; para o povo, de operar uma emancipação das classes inferiores mediante a difusão da educação, isto é, mediante a libertação da mente e da consciência para chegar à libertação política. [...] Assim, também no terreno das pedagogias populares vai-se desde as reformistas até as revolucionárias..., desde as que visam a uma emancipação como integração (na sociedade burguesa) das classes populares [...] até as que reclamam, pelo contrário, uma revolução da ordem burguesa, uma tomada do poder por parte dos proletários [...] (CAMBI, p. 408-409, 1999).

Lombardi (2011) nos alerta que ao longo do século XIX, foram redefinidos os objetivos e os instrumentos da pedagogia. A educação assumiu os contornos dos embates e dois projetos passaram a se contrapor – o burguês e o proletário. Trata-se de duas concepções que interpretam a oposição de classe da sociedade capitalista e que articulam dois diferentes e opostos universos de valores e de organização social, inclusive no âmbito educacional.

[...] O positivismo exalta a ciência e a técnica, a ordem burguesa da sociedade e seus mitos [...], nutre-se de mentalidade laica e valoriza os saberes experimentais: é a ideologia de uma classe produtiva na época do seu triunfo, que sanciona seu domínio e fortalece sua visão do mundo. O socialismo é a posição teórica [...] da classe antagonista, que remete aos valores “negados” pela ideologia burguesa (a solidariedade e a igualdade, a participação popular no governo da sociedade) e delineia estratégias de conquista do poder que insistem sobre as contradições insanáveis da sociedade burguesa (principalmente entre capital e trabalho), delineando uma sociedade “sem classes”. Também a pedagogia se caracteriza segundo estes dois modelos [...] (CAMBI, p. 466, 1999)

Dentre as transformações pregadas por Marx, a de maior impacto é a educação omnilateral, ou seja, capaz de desenvolver integralmente todas as suas potencialidades do homem. A combinação da educação intelectual com a produção material, da instrução com os exercícios físicos e estes com o trabalho produtivo.

Cambi complementa:

O modelo pedagógico e educativo elaborado [...] por Marx e Engels introduziu na pedagogia contemporânea pelo menos duas propostas que podem ser consideradas revolucionárias: a referência ao trabalho produtivo, que se punha em aberto contraste com

Recebido em: 19-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5518>

toda uma tradição educativa intelectualista e espiritualista, e a afirmação de uma constante relação entre educação e sociedade, que se manifesta tanto como consciência de uma valência ideológica da educação como projeção “científica” de uma “sociedade liberada”, também no campo educativo [...] (CAMBI, p. 485, 1999).

Ainda no século XIX é possível enxergar as contribuições de Karl Marx para a educação. Como um estudioso da sociedade do século XIX, das relações sociais, de trabalho, de submissão dos proletários ao capital, Marx conclui que a única forma de melhorar o modo de vida dos trabalhadores é através da educação. Uma educação omnilateral, abrangendo a parte física, intelectual e laboral dos indivíduos, capacitando-os para a vida a sociedade e para o pleno desenvolvimento de suas capacidades.

5 Considerações finais

Com base nas ideias de Marx pode-se inferir que a mudança na vida dos trabalhadores dar-se-á por meio da educação, mas também fica claro que educar é um desafio social. Para se educar, precisa-se levar em consideração os contextos sociais de todos, a pluralidade cultural, a diversidade linguística e social do nosso país. A educação não pode ser "selecionadora" (para alguns), deve ser "inclusiva". Assim sendo, esta prática pode tornar-se um instrumento mobilizador para com a situação atual em que vive a população.

É inegável, a partir de Marx, que o professor deve ser um profissional competente e comprometido com seu trabalho, com visão de conjunto do processo de trabalho escolar. O professor deve ser um profissional capaz de pensar, planejar e executar o seu trabalho e não mais aquele ser habilidoso para executar o que os outros concebem. Só assim, poderá formar também alunos críticos, leitores do mundo, capazes de quererem questionar o que os rodeiam, descobrir coisas novas, serem pensantes também. Nesse sentido, a escola deve caminhar no sentido da omnilateralidade da educação, vislumbrando os diversos aspectos da formação e capacitação do ser humano.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. 2.ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008

Recebido em: 19-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5518>

- BRANDÃO, C. R. **O que é educação** – Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999
- HOBSBAWM, E. J. **A era das revoluções**. 43ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019
- HUBERMAN, L. **A história da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985
- LOMBARDI, J. C. **Algumas questões sobre educação e ensino em Marx e Engels**. Revista HISTEDBR On-line, v. 11, n. 41e, p. 347-366, 11.
- _____ **Textos sobre Educação e Ensino** / Karl Marx e Friedrich Engels. Campinas, SP: Navegando, 2011
- LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D. (orgs). **Marxismo e Educação**. Debates contemporâneos. Campinas/SP: Autores Associados, 2017
- MANACORDA, M. A. **Marx e a Pedagogia Moderna**. Campinas/SP: Alínea, 2017.
- MARX, K. **O Capital** - Crítica da economia política - Volume I. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Instituto José Luis e Rosa Sundermann. 2003.
- MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008
- PILETTI, C.; PILETTI, N. **Filosofia e história da educação**. São Paulo: Ática, 1985
- ROUSSEAU, J.J. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie**. Porto Alegre: Editora Paraula, [19--?]
- SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012
- SAVIANI, D.; DUARTE, N. (orgs.) **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012
- SAVIANI, D., LUCERNA, C., ARAÚJO, J.C.S.. CASSIN, M. **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. Amazon eBook Kindle.